

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES

LUCAS FERREIRA DA SILVA CASTRO

DIÁRIO DE UM ESCRITOR:
Processos de criação na arte de rua em Uberlândia

UBERLÂNDIA
2021

LUCAS FERREIRA DA SILVA CASTRO

**DIÁRIO DE UM ESCRITOR:
Processos de criação na arte de rua em Uberlândia**

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentada no Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia IARTE\UFU como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Artes Visuais - sob orientação do professor Alexander Gaiotto Miyoshi.

Banca de avaliação:

Prof. Dr. Alexander Gaiotto Miyoshi
Presidente / IARTE UFU

Prof. Dr. Luiz Carlos de Laurentiz
FAUeD UFU

Tiago Daniel Marques dos Santos
Artista Visual

Vivência de rua gera experiência, causa reflexões
sobre o que deixar para o mundo.
Há diversas maneiras de expressá-las,
dentre elas a escrita ou *graffiti*.

Agradecimentos

A meu pai Julio por sempre me apoiar nos desenhos e ter me incentivado no *graffiti*, você faz uma grande falta. A minha mãe Neusa por ter me gerado e cuidado de mim, sempre me ajudando à distância mesmo longe de casa. A minha irmã Natalia por todos os ensinamentos e companheirismo, eu não tenho palavras para agradecer tudo que fizeram por mim, sou eternamente grato.

A Anavi, por dividir o *graffiti* comigo e compartilhar momentos importantes.

Ao meu amigo Matheus Finotti, uma amizade longa desde o basquete, que sempre me apoiou nas Artes, me incentivou a estudar e não largar a Universidade, obrigado irmão.

Aos meus amigos do *rap*, Xávner, TiagoBits, Alemão, Vaine, Escurinatti, Dunock, B.O, Patolino, Red, obrigado pela troca de conhecimento, pelo incentivo e por acreditarem em mim.

Aos meus amigos da Universidade, Emílio Sene, Yuri Ramos, pela troca de ideias, risadas e momentos difíceis, mas sempre sonhando alto.

Aos amigos do *graffiti*, Most, Rdg, Neguela, Dequete, Kueio, Joga, Undef, Fedi, Monk, P3K e o querido Fake Leles.

Ao casal de amigos Andrezinho e Gisele, por me apoiarem desde o começo do Udischool, indo em shows e adquirindo algumas obras minhas. Pra mim é uma satisfação enorme.

Aos professores da Universidade, pelos ensinamentos, Carlos Mineirão, Renato Palumbo, Patrícia Osses, Clarissa Borges, Gastão, Paulo Buenoz e em especial meu orientador Alexander Gaiotto Miyoshi, por todas as aulas de História da Arte, pelos ensinamentos, por compartilhar sua sabedoria, por acreditar em mim e me incentivar. Com certeza fiz a escolha certa.

Sumário

Resumo	6
Início	7
Desenhos	14
Lugares	17
Materiais	18
Conto dos lóki	20
Verso Livre	22
Conto da frustração	23
Rua é mar turbulento	26
Conto do Juliera's	27
Mic check one two	30
Virando a chave	36
Os cães ladram mas a caravana não para	40
Um novo ciclo	41
Conclusão	42
Referências bibliográficas	43
Glossário	44

Resumo

Neste TCC, reflito sobre processos de criação em arte de rua, sobretudo *graffiti* e *rap*, vividos por mim nos últimos anos. Concentro-me em obras mais recentes, de 2020 a 2021, produzidas em Uberlândia, Minas Gerais, algumas delas especialmente para o TCC. São pinturas em paredes da cidade, rimas e versos feitos às vezes sozinho, às vezes em parceria. Explico o percurso de elaboração, as técnicas, dificuldades, os obstáculos, anseios e resultados em acompanhamento aos registros fotográficos tanto das ações quanto da produção. Os objetivos são auxiliar no aprimoramento do meu próprio trabalho e, espero humildemente, no de escritores e pesquisadores da nossa arte.

Início

Este diário possui registros e crônicas sobre minha relação com a escrita¹ e o *graffiti* no decorrer da minha vida, reflexões que desenvolvi na rua, conciliando com a sofrida graduação ao longo dos anos em Artes Visuais.

Com um caráter íntimo, fiz anotações que contêm uma experiência pessoal, não organizadas por datas mas por lembranças. Um diário que inclui pensamentos, sentimentos e segredos.

Registrei os processos do *graffiti* como um todo, materiais que utilizo, criação, técnicas, junto aos contos retratando os acontecimentos através de crônicas.

A relação com o *graffiti* começou desde muito novo, junto com a escrita, por volta dos 10 anos de idade, em minha cidade natal, São Bernardo do Campo.

Minha irmã Natalia e os amigos já faziam *graffiti*. Meus primos e meu tio também pixavam, mas eu só observava as letras com diferentes formas. Foi quando surgiu o interesse.

A minha referência na época era minha família e os amigos da minha irmã, então eu fazia alguns desenhos para mostrar a eles. Eles me ensinaram tudo, desde a formação de uma letra até paletas de cor. Era notável o espírito do *graffiti*, o compartilhamento do conhecimento para gerações futuras. Acho que ainda não sabia, mas ali nascia mais um escritor.

Ficar desenhando e escutando *rap* era frequente, combinação perfeita, talvez por uma relação próxima devido ao *hip hop*.

Caminhando junto com a minha paixão pela escrita, eu tinha uma relação muito forte com o basquete. Desde novo muitas escolas procuravam meus pais me convidando para representar a escola nos jogos escolares. Em troca, eu ganharia bolsas de estudo.

Na adolescência, notei que o basquete estava ficando sério e poderia me trazer muitos benefícios, como vida saudável, financiamento escolar, conhecer lugares e ganhar dinheiro. Estudei nas melhores escolas aproveitando tudo que me ofereciam. Era difícil, porém, acompanhar o ritmo das aulas, pois eu já estava jogando no profissional enquanto estava no ensino médio, então era complicado

¹ Em geral, nesta monografia, quando me refiro a “escrita” quero dizer o trabalho do “escritor”, isto é, do artista de rua em sentido amplo incluindo pintura mural, música etc., conforme é comum entre os praticantes da arte, mas neste caso incluo também a concepção desta monografia.

conciliar estudos/vida atleta, e eu só gostava de ir para a escola para cursar as matérias de Artes e Química.

Nesse período, eu já estava me distanciando do *graffiti* devido à correria, eu já não desenhava mais com frequência, só nos intervalos das aulas rabiscava meu caderno. Isso me frustrava levemente, porque via vários amigos pintando na rua e eu sem tempo pra nada.

Quando terminei o ensino médio, meus pais perguntaram o caminho que eu ia seguir. Eles sempre me deixavam livre nas minhas escolhas, sempre me apoiaram nas decisões. Como eu estava em uma fase boa no esporte, ganhando títulos e sendo visado por outros times, pensei: por que não continuar aproveitando para conseguir entrar em uma faculdade?

Procurei faculdades que tinham cursos ligados à arte ou algo próximo disso. Fiz os vestibulares de todas que pude. USP eu já sabia que não ia dar, não tinha estudado para a vaga, mas nas outras eu acreditava que poderia conseguir. Na Unesp não deu certo, perdi a vaga por 2 pontos no corte, já estava desanimado porque eu queria uma pública, estava vendo todos meus amigos passando e eu ficando para trás.

Enquanto eu esperava a resposta das faculdades particulares para a bolsa esportiva, decidi tirar uns dias de férias na casa da minha tia em Uberlândia. Meu primo me convidou para um passeio no clube da cidade e, durante o passeio, o treinador do clube me viu andando pelo ginásio e me chamou, ele já me conhecia devido ao basquete e perguntou o que eu estava fazendo ali, longe de casa, e eu apenas disse que estava passeando, conhecendo a cidade e o clube. Foi quando ele me fez a proposta para jogar pelo clube com diversos benefícios e direito a uma faculdade paga. Eu não pensava em me mudar naquele momento, mas com uma proposta daquela, entre esperar o resultado das bolsas em SP e outra já garantida em MG, não hesitei, fechei com ele no outro dia, já liguei pra família e dei a notícia.

Comecei a cursar Design Gráfico com a bolsa através do basquete. Era o curso que mais se aproximava ao de Artes. Cursei 3 anos e tive que parar, devido ao encerramento da parceria com o clube e por eu não ter dinheiro suficiente para pagar o ano restante que faltava.

Fiquei novamente só com o basquete, sem estudo, sem *graffiti*.

Voltei para São Bernardo do Campo, sem time, sem renda, sem nada, só com alguns títulos que não enchem barriga. Fui entregar panfleto no centro da cidade

para conseguir uma renda. O ponto onde eu entregava panfleto era perto de um cursinho, que por coincidência se chamava Henfil, que foi um grande cartunista e escritor.

Procurei saber o valor do cursinho, consegui um desconto, sabiam da minha situação e me ajudaram. Fiz quase 1 ano de cursinho, prestei o ENEM, passei no curso de Artes Visuais em duas Universidades. Escolhi a UFU por já conhecer a cidade e poder começar uma nova jornada.

Na Universidade começa uma relação mais dedicada ao desenho e à prática frequente de letras de *graffiti*, estava aberto ao conhecimento e a absorver tudo que poderia contribuir com minhas habilidades.

Nos primeiros anos da faculdade, busco saber sobre a cena do *graffiti* na cidade. Contato alguns grafiteiros, acabo conhecendo o Kueio, que estava se graduando no mesmo curso de Artes. Trocamos algumas ideias, me apresentou a outros grafiteiros da cidade e marcamos de fazer alguns *graffitis* juntos.

Acredito que algumas peças que fizemos na cidade contribuíram bastante para *graffiti*/pixação/vandalismo, no contexto de sem autorização e forma de protesto, trazendo um reconhecimento nas ruas.



Fig. 1

Essa tinha q por no MUnA.

Autor: MDG e RTS.

Técnica: Tinta látex e rolinho

Uberlândia - MG

Foto:Emílio Sene, 2014.

Esse dia foi loucura, chovendo muito, era em torno de 2 horas da manhã. Quando estávamos no contorno das letras, uma pessoa em abandono embaixo da ponte começou a gritar: - Tá pixando, tá pixando! Eu corri até o senhor e pedi para se acalmar, que aquilo era um graffiti para um trabalho de escola. Fui conversando com calma, perguntei se ele queria água, se precisava de algo, tentando tirar o foco da pintura, enquanto isso o Emílio no meio do mato escondido, de longe registrando tudo com a câmera coberta por uma sacola de mercado para não molhar.



Fig. 2

Pixador ele vive.

Autor: MDG e KNF

Técnica: Tinta látex e rolinho.

Uberlândia - MG

Foto: Lucas Castro, 2014.

Começamos a pintar por volta das 23 horas e por incrível que pareça nenhuma viatura parou no local, o único problema que tivemos foi com as garotas de programa que ficavam no local. Devido o Emílio Sene estar registrando com fotos e vídeos, as garotas se sentiram incomodadas e foram tirar satisfação. Até explicarmos o trabalho que estava sendo feito e que o rosto de nenhuma delas iria aparecer foi uma cansreira.



Fig. 3
MDG e RTS 2
Autor: MDG e RTS
Técnica: Tinta látex e rolinho.
Uberlândia-MG.
Foto: Lucas Castro, 2014.

Esse rolê foi engraçado (risadas), foi no mesmo dia da pintura da Fig. 1, saímos do viaduto e já caímos para essa lateral, era umas 4 horas da manhã.

Estava garoando muito e o local era o terreno de uma obra que estava com muita lama, toda hora nossos pés atolavam, já foi um sacrifício para entrar, então não íamos perder viagem.

Quando estávamos terminando, os pedreiros da obra chegaram para trabalhar e pegaram a gente no ato. Assim que nos avistaram a gente continuou fazendo como se nada tivesse acontecido. Como o Emílio estava no registro das fotos e o local que estava sendo pintado não tinha nada a ver com eles, a gente só pediu licença para terminar e saímos fora bem rápido antes que eles comunicassem alguém e aparece mais gente.



Fig. 4
Throw-up Porta de aço.
Autor: KNF e MDG.
Técnica: Spray sobre aço.
Uberlândia - MG.
Foto: Lucas Castro, 2014.

Esse throw-up foi feito logo após nossa saída da Delegacia. Um dia antes tínhamos sido presos devido algumas pinturas ilegais, passamos a noite na Delegacia e antes de ir embora recuperamos as tintas que eles tinham apreendido de nós, eram latas importadas e não podíamos deixá-las para trás. Saímos no ódio logo de manhã e pegamos a primeira porta de aço que vimos. Quando estávamos terminando, vimos uma pessoa do outro lado da rua com um telefone no ouvido e apontando em nossa direção, já fomos embora na hora. Passado uns 40 min. a polícia passou por nós encarando, mas nós já tínhamos dispensado as tintas. Sem provas sem crime.

No decorrer do curso fui produzindo mais peças e criando um vínculo mais forte com o graffiti na rua.

Como estava com uma produção alta em 2013/2014, conversei com o Kueio de criarmos um *point* mensal dos pixadores/grafiteiros na cidade, para trocarmos informações, conhecer mais escritores e nos unirmos.

O *point* aconteceu, foi na Praça do Forró na Sérgio Pacheco, onde já aconteciam as batalhas de rimas da cidade. Diversos escritores compareceram,

trocamos folhas de letreiros, assistimos a batalha, eu batalhei naquele dia também, poucos sabiam que eu rimava. Foi uma noite muito rica e importante para a cena da arte de rua.

Nesta mesma batalha, conheci meus parceiros Escurinatti e Dunock, do grupo de *rap* em que faço parte, Udischool. Foi o momento em que me dediquei ao *rap* profissionalmente, elaborando melhor minhas rimas, frequentando estúdios e conhecendo produtores da cidade, uma boa fase na qual comecei a fazer muitos contatos com pessoas do meio artístico. Isso me trouxe crescimento no meio, utilizando esses contatos no *rap* e no *graffiti* também.

Mas sabe como é, nem tudo são flores.

Caminho suave

A ideia de pegar tintas e sair na rua pintando é linda, perfeita, poética, mas essa não é a realidade. Existem regras e cobranças por parte de quem faz parte da rua, como: não se deve pintar em cima de outro *graffiti* ou pixação.

Saber ao certo qual pintura será exposta não é uma tarefa fácil. Acredito que todos desejam dar o melhor de si, porém muitas vezes pego algumas latas de spray coloco na sacola e vou fazer alguns rabiscos, o que é um processo muito parecido com os versos que escrevo, apenas pego a caneta e escrevo tudo o que se passa, seja pessoal ou experiências vividas.

A escrita existe há mais de 5 mil anos, composta por símbolos e figuras, é ainda uma das maneiras mais expressivas de se comunicar.

Um escritor produz variadas formas de literatura como contos, poesia, romances, ensaios, artigos científicos, entre outros, de forma a atrair o interesse de um determinado público e transmitir ideias ou informações. Acredito que o *graffiti* e o *rap* se enquadram nesta mesma linha, uma ferramenta de comunicação que expressa e denuncia, trazendo reflexões para o ouvinte ou observador.

Optei por um texto menos acadêmico. Muitas vezes faltarão notas de rodapé, citação das fontes, obediência às normas técnicas de monografia. Não me entendam como rebelde, nem como desrespeito de minha parte. Um pouco é dificuldade minha mesmo, outro tanto é buscar uma continuidade com o trabalho da rua, mais espontâneo.

O que é o graffiti

A palavra *graffiti* deriva do italiano, sem plural, *graffito* que significa rabisco, são inscrições feitas em paredes, existentes desde a pré-história, quando homens realizavam pinturas em paredes das cavernas. Considera-se *graffiti* uma inscrição caligrafada, um desenho pintado ou gravado sobre um suporte que não é normalmente previsto para esta finalidade.

“Ao contrário do que dizem por aí, o *graffiti* não é a mais baixa forma de arte. Embora seja necessário se esgueirar pela noite e mentir para sua mãe. Grafitar é, na verdade, uma das mais honestas formas de arte disponíveis. Não existe elitismo ou badalação. O *graffiti* fica exposto nos melhores muros e paredes que a cidade tem a oferecer e ninguém fica de fora por causa do preço do ingresso”.
(BANKSY, Guerra e Spray, 2012, p.8).

Desenhos

Minhas criações de letras do *graffiti* são livres, gosto de deixar fluir o momento, igual um *freestyle* de rima. Claro que nos dias de hoje as referências vêm muito da internet, onde se encontram todos os estilos que deseja.

É sempre bom saber um pouco de cada estilo, isso facilita encaixar o seu *graffiti* nos muros.

Procuro inovar. Muitas vezes então tento evitar a consulta à internet para a criação.

Sempre gostei de tipografia, mas tinha muita dificuldade de escrever, principalmente a letra “S” do meu nome. Lembro que minha mãe comprou cadernos de caligrafia e eu achei o máximo, porque a escrita é um desenho e eu amava fazer aquilo.

Em 2001, quando mudei de escola, eu precisava de mais informações sobre *graffiti* e conhecer mais das ruas, já que não possuía o auxílio que antes tinha dos amigos da minha irmã. Meus tios apenas pixavam, não sabiam muito sobre *graffiti*.

Fui em uma banca perto da minha casa procurar por revistas de *graffiti*. Comprei umas 2, levei pra casa e comecei a ler todo o conteúdo (tenho todas até hoje). Além de ler eu também copiava muitas letras, usava papel manteiga pra ir pegando a base das linhas e depois ir modificando ao meu estilo. Esse foi meu

treino por vários anos, acertos, erros, descobertas que hoje eu vejo o quanto foi valioso e como foi importante.



Fig. 5
Revistas Graffiti da Editora Escala.
Acervo pessoal, Uberlândia - MG.
Foto: Lucas Castro, 2021.

É importante não limitar a expressão artística de uma criança, principalmente quando está descobrindo uma identidade. Vejo o quanto foi tudo muito puro e natural, quem dera eu produzir nos dias de hoje com a frequência que eu produzia na época.

Todos os dias que eu chegava da escola, ia correndo para meu quarto, ligava o meu rádio velho de pilha, sempre sintonizado na 105.1 FM, Espaço Rap, junto à minha escrivaninha, a luminária improvisada, revistas, folhas sulfite, muitos lápis de cor e canetinhas, pronto, meu primeiro ateliê.

Eu faço *rap*, *rhythm and poetry*, linhas de vivências e experiências.

Desde o meu envolvimento com o *graffiti*, muitos versos eram escritos junto aos esboços que fazia, sempre natural de *freestyle*, improvisando rimas.

Guardava tudo na minha pasta de desenho e rimas, desde 2000, mas ela se perdeu na mudança de minha família e eu para Uberlândia, ninguém sabe o paradeiro, sinto muita falta, pois era um pedaço de mim, da minha história, do meu

crescimento como artista. Seria tão bom acessar essas memórias. Me recordo de alguns desenhos que tinham na pasta, mas ficam só nas lembranças. Acho que este trabalho é um pouco a tentativa de recuperá-las.



Fig. 6
Estudos de cores e perspectivas Onec.
Autor: Lucas Castro
Técnica: lápis de cor e caneta hidrográfica.
Uberlândia - MG.
Foto: Lucas Castro, 2021.

Hoje com a estrutura que possuo, posso comprar os melhores materiais, ter a melhor mesa de desenho, os melhores lápis, investir em mim mesmo, mas gosto mesmo é de fazer à moda antiga, com lápis velho, papel e borracha, realizar experimentos. Não há nada mais prazeroso do que sentir a vibração do grafite arranhando a superfície da folha e ter o controle do traço. Acho que é por isso que uso tão pouco o meu tablet.



Fig. 7
Estudo Digital de cores e perspectivas "LCS".
Autor: Lucas Castro
Técnica: Arte digital.
Uberlândia - MG
Foto: Lucas Castro, 2021.

Para cada muro, um estilo de letra.

Para cada *beat*, um estilo de rima.

Vim estudando alguns estilos e não tem sido fácil, entender composição, perspectiva, movimentação, foi um desafio.

Quando você vai para a rua, você precisa saber seu objetivo, então em certos momentos não tem como arriscar novas letras, é um jogo de xadrez.

Lugares

Preciso de um local de baixo risco e grande impacto, todos querem ser notados por outros escritores.



Fig. 8
Muro em branco com acabamento em azulejo
Uberlândia - MG
Foto: Lucas Castro, 2021.

Definir o local é fundamental para o preparo do material. Geralmente passo antes no local, tento descobrir quem é o proprietário, analiso a textura da parede, verifico a movimentação nos arredores, horários de fluxo e câmeras, sempre com a finalidade de fazer o trampo com o menor risco.

Materiais

O Brasil foi um dos países pioneiros no uso de tinta látex nos *graffitis*, isso já na década de 80. Por ser cara a tinta spray, muitos jovens recorriam ao látex, de

mais fácil acesso. Não é muito diferente de hoje, já que o *spray* continua caro e o utilizamos muitas vezes só para contorno e detalhes.

Para a pigmentação utilizamos corante em pó ou líquido, um funil e um galão de alvejante para armazenar a tinta já preparada.

"Não tínhamos condições financeiras para comprar tinta spray na época, então usávamos tinta de parede, usávamos o que tinha. Isso também fez com que fosse criada uma linguagem do *graffiti* abraileirado. Pintávamos com látex, e quando se conseguia um spray, pedindo em funilarias e em gráficas, era guardado como se fosse a maior preciosidade do mundo" (Os Gêmeos, Segredos, 2020, pg.59)

A maioria dos materiais são descartáveis, devido ao imprevisto quando se está na rua. Às vezes não tem nem água para lavar seu rolinho e às vezes acaba se lavando com urina.



Fig. 9
Mistura de látex branco com pigmento Xadrez líquido verde.
Uberlândia - MG
Foto: Lucas Castro, 2021.

Rolinhos de espuma, geralmente de 5 e 15 cm para um melhor controle dos contornos, sempre levando uma garrafa de água para lavar os rolinhos, caso necessite uma troca de cor.

O *spray* de tinta acrílica utilizado para *graffiti* possui cobertura e pressão diferentes dos convencionais de uso geral, selecionei as cores que vou utilizar e os *caps* de diversas espessuras que possam ser úteis na peça que vou pintar.



Fig.10
Sacola com materiais preparados para o rolê.
Uberlândia - MG
Foto: Lucas Castro, 2021.

Conto dos lóki

Ir a pé, de carro, de *bike*, hoje estou tranquilo, vou a pé mesmo, é perto de casa, sem dor de cabeça, terreno baldio, sem perigo, vamos testar um estudo que venho fazendo a algumas semanas com cores com perspectivas.

A parede possui uma superfície de azulejo, isso é bom, a tinta vai ter mais brilho quando aplicada, porém está com algumas imperfeições, adesivos de alto relevo, buracos e ganchos fixados podem dificultar a execução dos movimentos necessários para realizar a pintura, vou precisar dar uma leve “manutenção” na parede.

Terminada a limpeza da superfície, começo a riscar a base das letras que serão feitas por camadas.

Estou com dificuldade de riscar a base das letras no muro devido ao terreno possuir uma terra fofa, meu pé está afundando a toda hora, mas aos poucos o desenho está se formando.

No decorrer das linhas traçadas no muro, começo a escutar os xingamentos.

Não sei se paro, guardo minhas coisas e vou embora (conheço a rua, e sei que uma sequência de xingamentos não é um bom sinal) ou continuo fazendo, daqui a pouco eu coloco um pouco de cor na parede e ameniza o choque das linhas cinza.



Fig. 11
Muro riscado com a base das letras.
Autor: Lucas Castro
Técnica: Tinta spray sobre concreto.
Uberlândia - MG.
Foto: Lucas Castro, 2021.

Dito e feito, estava demorando para acontecer a coisa ruim.

Um homem de aproximadamente 50 anos parou a moto ao lado do terreno e começou a me xingar sem parar, gritando: esse muro é meu, seu vagabundo, não vai pixar aí não!

É mentira, eu sei que o muro não é dele, então continuei pintando e ele desceu da moto vindo pra cima de mim, me ameaçando.

Passados uns 20 segundos de discussão, juntam mais 2 homens com ele para tentar me agredir, corro em direção à minha sacola onde levo sempre uma faca para possíveis conflitos, deixo ela escondida em meu corpo e corro com os materiais. Eles tentam vir atrás mas não conseguem, dei fuga por ruas que eram contra-mão.

Quando encontro um local seguro, me sento, me acalmo e tomo água. Pintar nas ruas de Uberlândia é uma roleta russa e essa foi por pouco.

Desisto por hoje.

O *graffiti* ficou lá, somente linhas.

Verso Livre

Com a vivência das ruas tudo fica mais perigoso,

A liberdade do processo de criação com a contemplação do momento, faz aumentar a adrenalina, a aventura, onde a única preocupação é a polícia.

Quem está disposto a pagar este preço?

Sagacidade na cidade é necessário,
saber aonde ir, saber com quem andar.

Sua vida está em jogo e

muitas vezes não se sabe ao certo o que virá,
um *playboy* pra te impedir ou um louco pra te espancar.

Violência gera violência, acredita?

Será mesmo que um muro vale mais do que uma vida?

Na madrugada, a vitória é sempre do mais forte
e é nesse momento que surge o pensamento:

que merda fizeram liberando o portel!

A cada volta pra casa, o alívio,

a felicidade de ainda estar com vida e ter contribuído com a arte da cidade, comprometido com a veracidade.

Conto da frustração

Passadas 24 horas do susto, fui para outro muro, conheço bem o local e já realizei ali diversas pinturas, sei que o risco é menor e será tranquilo para experimentar esses novos estudos de letras.

O preparo do material não precisou ser realizado já que nem foi utilizado no dia anterior, apenas peguei mais uma garrafa de água que faltava.

Difícil escolher a parede devido à quantidade de *graffitis* e pixações, é preciso saber em qual fazer para não ter problemas futuros, essa é uma das regras da rua no Brasil.



Fig. 12
Preparo do látex para a pintura (fig. 14).
Técnica: Pedaco de madeira velha no pote de açai.
Uberlândia - MG.
Foto: Lucas Castro, 2021.

Após a escolha do muro, comecei a riscar a base das letras, senti muita dificuldade em riscar, talvez por ser um estilo novo que nunca tinha feito. Como eu estava muito ansioso, errei proporção, esqueci de fazer o fundo da parede, dar uma mão de látex para a parede não absorver muito o spray. Nesse dia fiz tudo errado, fiquei frustrado com o resultado.



Fig. 13
Muro riscado com a base das letras com parte colorida.
Autor: Lucas Castro
Técnica: Tinta spray sobre concreto.
Uberlândia-MG.
Foto: Lucas Castro, 2021.

Não terminei a pintura, fui embora, achei melhor voltar no outro dia com a cabeça fresca, fora que estava um sol muito forte, difícil de aguentar.

No dia seguinte, pela manhã, cheguei determinado a acabar a pintura, sabendo os pontos a serem melhorados.

Não ficou do jeito que eu esperava, mas tudo bem, nem sempre as coisas saem como queremos. Foi uma experiência boa, apesar de frustrante. Percebi que esse estilo que não domino ainda precisa de muitos ajustes, a aplicação da tinta na parede é um dos principais fatores.

A peça possui 4 tons de verde, o erro foi ter utilizado 2 tons no látex e 2 no spray, isso matou a pintura. Se eu faço a base da letra no látex, todos os tons deveriam ser no látex, eu improvisei com spray porque não tinha mais látex para alcançar a tonalidade do verde mais escuro. Detalhes que só se aprende testando.

Além dos erros do verde, utilizei o preto no contorno das linhas, o que jamais deveria ter feito, pois tirou o efeito desejado. Se repararmos no estudo da imagem X, notamos que um dos esboços não possui contorno com a linha preta, o cruzamento dos tons que formam o contorno da letra.



Fig. 14
Processo final do teste de letras Onec.
Autor: Lucas Castro.
Técnica: Tinta látex, spray e rolinho sobre concreto.
Uberlândia-MG.
Foto: Lucas Castro, 2021.

Agora que encontrei as falhas, preciso praticar mais algumas técnicas, com certeza o tablet vai me ajudar neste processo, seguimos nos adaptando.

Tô mais pra um camaleão da rua.

Rua é mar turbulento

Jogue a moeda
é cara ou coroa
independente o resultado
é caro pra ficar de boa,
Melhoria vem à toa
pra quem não tá à toa
Rua é mar turbulento,
eu gosto é de ficar na proa
Só de perna pro ar
graffiti é tarja preta
traz sérias consequências
enquanto tenho saúde
não declaro minha falência
cachê é muito caro,
eu quero ver quem me aposenta
só quem tá no meio sabe o risco que sustenta o fardo
o recado está dado,
vivência dessa merda não vende no atacado,
Se alguém cobrar de mim
a *tag* já vai na nota
se tá difícil a compreensão
pega a caneta o bloco e anota
Rima está cara,
pra quem quer desfrutar,
paga o ingresso que os versos vale
mais que frutos do mar,
Caviar e champagne,
Fleury foi Michael Phelps
na piscina de sangue,
e o B.O vai engavetar.

Eles querem me prender
só pra me destruir,
Mas nunca vão aprender
como me instruir.

Pesado

No café da manhã recebo a notícia que fui desligado do meu emprego, um balde de água fria. Não sei se fico feliz ou triste. Pelo menos agora eu tenho tempo para pintar, escrever e produzir algumas músicas.

Já estou no gás,
e agora como é que faz,
antes não tinha tempo nenhum agora tem tempo de demais,
sem chance pra voltar atrás,
será que agora encontro a paz,
no fundo da lata de tinta é onde escuto pinta mais.

Preciso me desligar um pouco da preocupação de não ter um salário fixo todo mês, ficar sem um plano de saúde durante a pandemia e sem um vale alimentação.

Talvez a melhor *punch line* para um verso neste momento seria: A vida é uma roda gigante.

Conto do Juliera's

Da janela do meu quarto observo o movimento da cidade. Há quanto tempo não contemplava a manhã? Já estou pensando: qual muro será explodido? Vou ligar para o meu parceiro Neguela. Conte o ocorrido, e adivinha a resposta: - Aí meu irmão, fica bem, cola aqui no Tubalina maloqueiro, tô com um murão na Av. Getúlio Vargas, encosta que tenho látex a vontade, traz só spray!

Material preparado, café tomado, *bucket hat* porque o sol tá forte e boa.

Durante o caminho, estou pensando: o que eu vou fazer no muro. Não peguei nenhum esboço, não sei como é o muro, mas se o Neguela chamou é coisa boa. Eu

tenho algumas letras de cabeça, mas como o muro é um painel visível, queria lançar algo novo. Melhor não inventar, já deu ruim da última vez que fui testar algo novo planejado, imagina não planejado.

Quando eu cheguei, ele já abriu o sorriso me recebendo sempre com carinho, dizendo que estava feliz que coleí no muro. Foi um momento importante pra mim, porque eu estava muito feliz também de estar pintando durante a semana, no que era o meu "horário de trabalho", junto com meu parceiro com quem eu não pintava fazia um tempo, acho que ele sentiu o quanto estava sendo importante pra mim naquele momento.

Começamos a riscar o muro, sempre dando muita risada e conversando sobre *graffiti*.

Decidi fazer uma letra que já tinha o costume de fazer e priorizar o acabamento, contorno e cores a serem usadas.

Enquanto fazíamos os esboços na parede, do nada o morador da casa abre o portão e já dá um gritão: - Vocês estão loucos? Quem deixou vocês fazerem isso no meu muro? Pode parar agora!

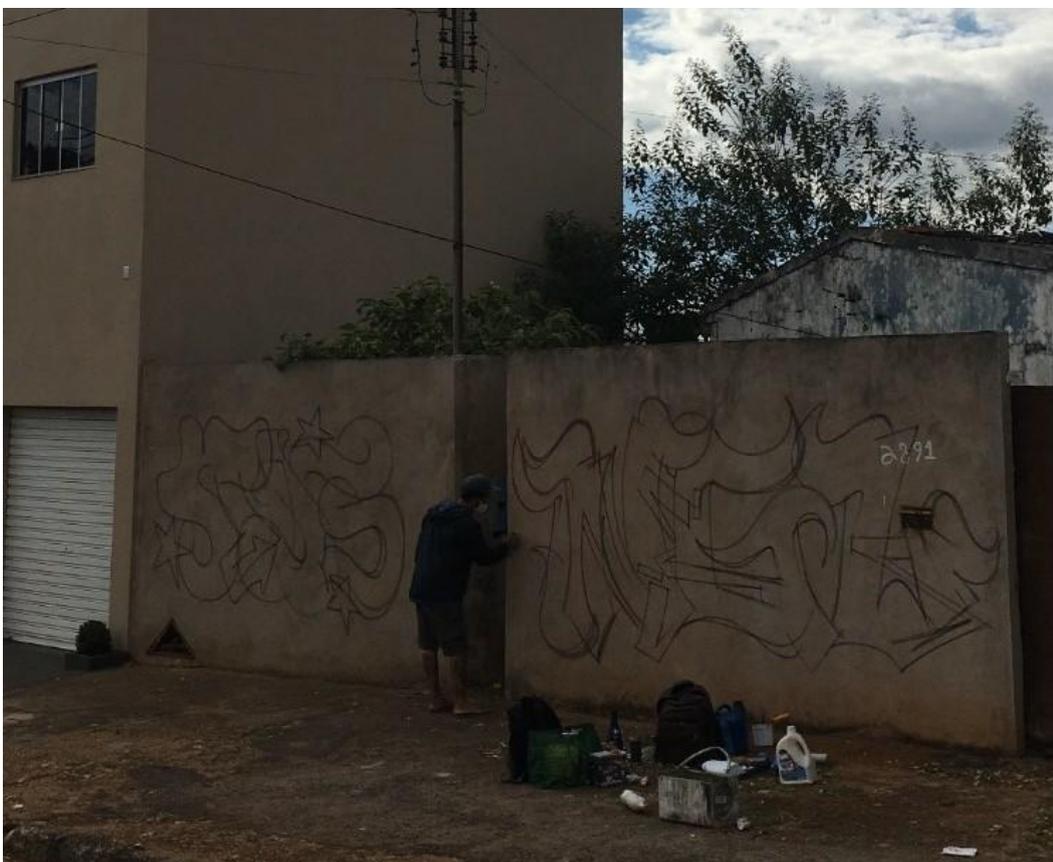


Fig. 15

Negueta riscando a base das letras “NGL”.

Autor: Julio Neguela

Técnica: Tinta spray sobre concreto.

Uberlândia - MG

Foto: Lucas Castro, 2021.

Na hora eu já guardei a lata na sacola e me preparei para correr, mas o Neguela pediu calma ao morador e perguntou se ele não se lembrava que a uma semana atrás, ele mesmo o convidou para pintar o muro. O morador tinha esquecido do convite e acabou pedindo desculpas, disse que não se lembrava mas que nós podíamos continuar sem problemas.



Fig. 16

Preparo do látex com pigmento líquido vermelho para fazer o fundo roxo.

Uberlândia - MG

Foto: Lucas Castro, 2021.

Poxa, quase que arrumamos um problema logo de manhã.

O Neguela está com um projeto no bairro em que mora, chamado “Colorindo Vidas”, isso traz vida para a comunidade, traz esperança, muitas vezes é o gatilho para a molecada da quebrada se interessar por arte.

Eu não preciso explicar a psicologia das cores para dizer o quanto elas nos influenciam em emoções, sentimentos e desejos, ou você acha que o *Facebook* é azul por acaso?

Neguela sempre salvando os melhores muros da cidade. Obrigado pelo convite, meu mano, máximo respeito à sua caminhada.



Fig. 17
Muro finalizado “MDG e NGL”.
Autor: Lucas Castro e Julio Neguela
Técnica: Tinta látex, spray e rolinho sobre concreto.
Uberlândia - MG.
Foto: Lucas Castro, 2021.

Mic check one two

Vários corre de manhã pra resolver depois que perdi o emprego e tudo que eu fico pensando é: preciso gravar aquela com o Vaine, vou dar um salve no *dj* assim que sair aqui da clínica.

Liguei pro Vaine, agendei com o dj, e já fomos pro estúdio trabalhar na música.

A música “Rap do Artista” foi feita em 2016 quando o Vaine vinha trabalhando em algumas batidas e me convidou para um *featuring*. A ideia do som era trazer uma letra que falasse sobre a vida do artista, mostrando um pouco a fase em que estávamos vivendo na Universidade e no *rap*. A música nunca foi lançada, cantávamos apenas em alguns shows, então decidimos resgatá-la e trabalharmos com uma linguagem mais atual.

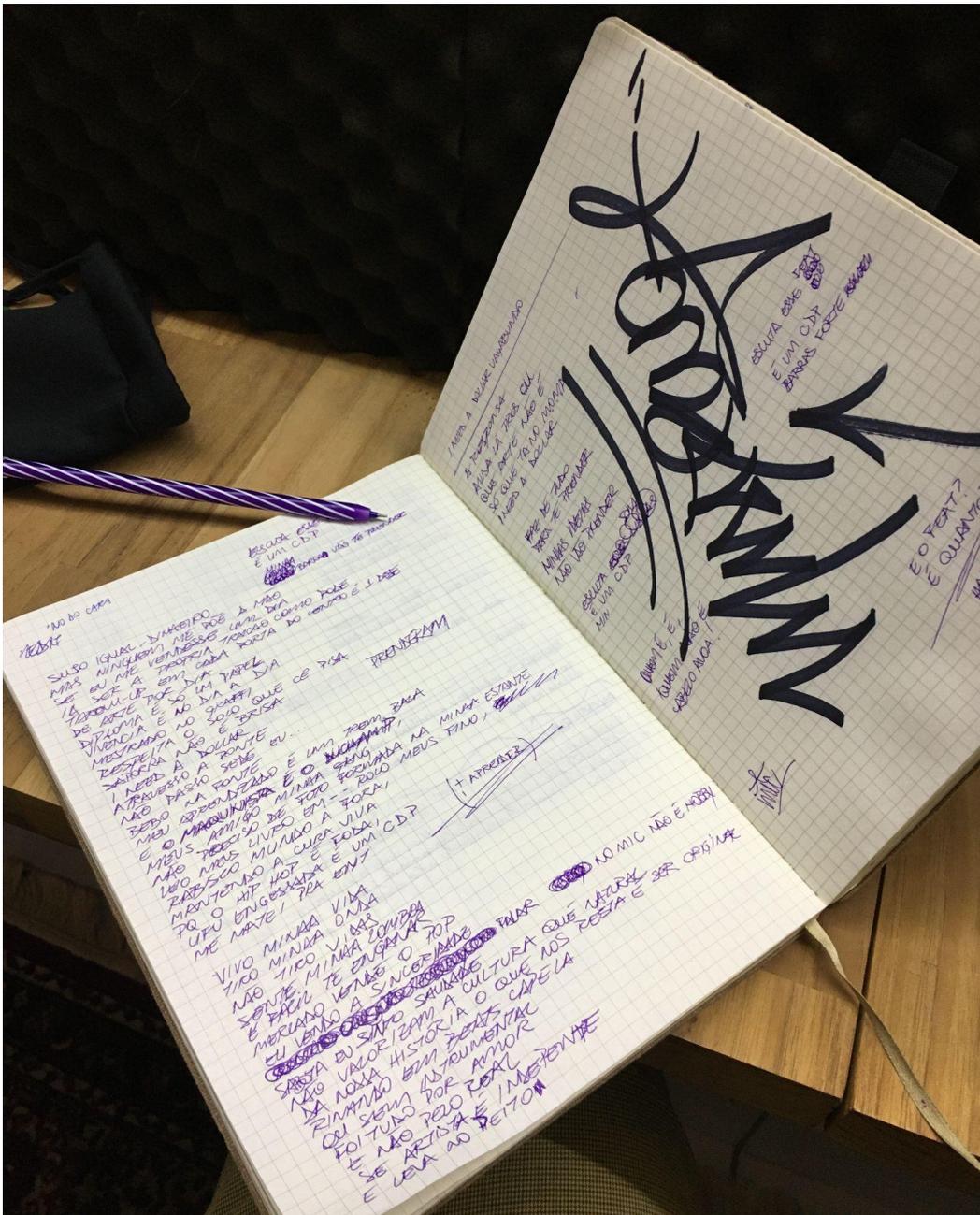


Fig. 18

Um dos meus cadernos de rimas com a letra de "Rap do Artista".
Estúdio Roça Records, Uberlândia - MG.
Foto: Lucas Castro, 2021.

Letra:

(Vaine)

Tipo Scottie Bulls 97,
mano eu tô entregando tudo e recebendo pouco
e mesmo com tantos motivos pra pisar no breque
eu to suando essa camisa sem procurar logo,
jogando o jogo
são vários louco,
corre das nota,
onde os primeiros geralmente não correram nada,
é que os artistas vagabundo é sempre 2 emprego
toda essa história de talento é conversa fiada,
Enquanto esse estado cruel quer que literalmente
a gente morra toda tinta é uma vida criada,
poucos diploma na quebrada
diz que realmente
nossa vitória sampleou dessa fita arranhada,
talvez por isso que eu não caiba nessas galerias
é que tudo que me atravessa é do lado de fora,
todas boate que lotavam
e a nossa vernissage,
eu sei que os cara bota fé
but i need a dollar
passou da hora
nóis tamo aqui fazendo história
apesar de ter cursado artes
tem certas fita que é difícil de caber num quadro
o disco novo tá na rua
vai lá ver meu Lattes
eu só preciso de um sonho e uma caneta

eu moro na gaveta dos antigo que deixaram as ref
de 011 a 34 era questão de tempo
esses passinho de formiga é uma questão de cash

I need a dollar

(Onec)

Sujo igual dinheiro

mas ninguém me põe a mão

Se eu me vendesse um dia ia ser a própria traição, como pode?

throw up em cada porta do centro é uma dose

de arte por dia

diploma é só um papel

vivência é no dia dia a dia

mestrado no graff

respeita o solo que cê pisa

essa porra não é brisa

i need a dollar

atravesso a ponte

não passo sede

eu bebo na fonte

meu aprendizado é um trem bala

e o maquinista é o Duchamp

meus amigo minha *gang*

não preciso de foto formado na minha estante

leio meus livros

enrolo meu fino

rabisco mundo afora

mantendo a cultura viva

pq o hip hop é foda

escuta esse feat

é um CDP

algema não é outfit

essas barras vão te prender

vivo minha vida

tiro minha onda

não tiro vida
senti minha lombra
é fácil te enganar
mercado vende o pop
eu vendo a sinceridade
falar no mic não é *hobby*
sabota eu sinto saudade
não valorizam a cultura que é natural
da nossa história o que nos resta é ser original,
rimando em *beats*, capela ou sem instrumental
foi tudo por amor
e não pelo real
se artista é independente e leva no peito a responsa
avisa lá pros cu
que arte não é só o que está no MoMA
i need a dollar



Fig.19
Show de lançamento do disco do Vaine "De 011 a 034".
Terreiro do Samba, Uberlândia - MG
Foto: Thiago Paulino, 2019.

No estúdio, o *DJ*/produtor Xávner refez o *beat* produzido pelo Vaine e fomos adicionando alguns elementos.

Enquanto o Xávner ajustava os volumes para a gravação, o Vaine estava terminando seus novos versos, disse que precisava fazer alguns ajustes.

Aí *dj*, abaixa um pouco a batida, disse o Vaine para mostrar os versos que tinha acabado de fazer.



Fig. 20
Dj Xávner e Vaine criando.
Estúdio Roça Records
Uberlândia - MG
Foto: Lucas Castro, 2021.

Quando ele entrou com a primeira linha: “Tipo Scottie Bull’s 97...”, eu já sabia que os versos viriam quentes. Ele é uma máquina de rima, escreve fácil, jogo de palavras, flow, trocadilhos, métrica, impecável, um escritor em outra modalidade, no *rap*, na música.

Assim que gravamos as vozes, mandei uma mensagem pro meu mano Monk, que tem um ateliê de pintura, solicitando o espaço para gravar o videoclipe com o

Alemão para fazer o registro do som que marca a nossa graduação no curso de Artes Visuais, sendo uma vitória para nós.



Fig. 21

Vaine e eu na gravação do clipe "Rap do artista", <https://www.youtube.com/watch?v=teYIj02K9aU>

Ateliê de pintura do Monk

Uberlândia - MG

Foto: Yuri jpr, 2021.

"Sai da frente, que o mar não tá pra peixe entende
Minha gente, quem não for do corre sai da frente"
(Sabotage, "Sai da frente", 2016).

Virando a chave

Nos últimos dois anos da Universidade, conseqüentemente mais amadurecido, comecei a entender mais a fundo a minha relação com a arte, principalmente na disciplina de Pintura.

Fazer graffiti sempre soou muito natural, mas eu nunca tinha olhado para meu próprio trabalho, minha produção que me tornou artista, eu apenas fazia.

Quando eu iniciei a disciplina de pintura, comecei a notar detalhes que são bem diferentes de tudo que aprendi na rua, principalmente processos, desde o preparo da tinta à elaboração do suporte. Lembrando que aqui eu falo de pintura “formal” em quadros.

Me tiraram da zona de conforto
pintar com spray é fácil,
quero ver têmpera de ovo,
olha o tamanho dos meus braços
por isso o traço sai torto,
O problema é do quadro
essa culpa não carrego,
A3 é complicado,
de envergadura é dois metros,
sem contar que pintar sentado
me causa um desconforto,
pintura é performance
igual no muro dos outros.

Essa relação foi surpreendente. Talvez tenha sido uma das matérias à qual mais me dediquei na Universidade, foi um processo difícil mas eu estava muito aberto ao conhecimento, então considero como uma troca.

Agradeço aqui ao Professor Rodrigo Freitas Rodrigues pelo apoio nas pinturas, ensinando técnicas, transmitindo conhecimento e, o mais importante, por ter entendido minhas dificuldades. Ele me mostrou que a experiência que tinha com pintura nas ruas era totalmente diferente da que eu estava aprendendo e fez com que eu utilizasse essas novas técnicas ao meu favor, nas ruas, trazendo uma evolução para meus trabalhos.



Fig. 22
A Dança de Dória.
Autor: Lucas Castro.
Técnica: látex e acrílica em spray sobre azulejo.
Dimensão: 3,30 cm x 6 m.
Uberlândia - MG.
Foto: Anavi, 2019.

Não existe certo e errado na questão técnica, existem apenas maneiras diferentes de chegar a um resultado, que conseqüentemente irá refletir na sua satisfação com a pintura.



Fig. 23
Detalhes Onec.
Autor: Lucas Castro.
Técnica: Tinta spray sobre concreto.
Uberlândia - MG.
Foto: Julio Neguela, 2021.

Nas últimas peças que tenho feito na rua, me dediquei ao máximo e notei que o esforço unido à paciência, me leva a níveis que não estava conseguindo há anos.

É importante o registro dos processos e suas pinturas para você entender o caminho que foi trilhado, isso contribui para sua evolução. O professor Alex me

mostrou isso quando comecei a buscar todos os registros que tinha desde os meus primeiros *graffitis*, entender cada momento e saber direcionar as melhorias.

Olha para trás é necessário.

Aceitar mudanças não é fácil, mas é preciso.

Os cães ladram mas a caravana não para

É sério, esse vício de pintar na rua é pior que droga.

Se você nunca pegou uma lata de spray e escreveu seu nome nas ruas, compre uma e saia hoje à noite.

Sua mão vai suar, a adrenalina vai subir, vai te dar dor de barriga, sua boca vai salivar, tudo por estar fazendo algo não permitido, mas quando você passar no dia seguinte pela sua escritura, a sensação vai ser de fogos de artifícios dentro de ti.

Tem quem ache errado, tem quem ache certo, tem quem não acha nada.

“Quem realmente desconfigura nossos bairros são as empresas que rabiscam slogans gigantes em prédios e ônibus tentando fazer com que nos sintamos inadequados se não comprarmos seus produtos. Elas acreditam ter o direito de gritar sua mensagem na cara de todo mundo em qualquer superfície disponível, sem que ninguém tenha o direito de resposta. Bem, elas começaram a briga e a parede é a arma escolhida para revidar”.
(BANKSY, Guerra e Spray, 2012, p.8).

Escrever em muros, seja através do graffiti ou pixação, é expressão.

Fazer *rap* também é expressão.

Break dance também é expressão.

Mudam-se as formas e a estética.

Eu não quero debater e nem ser o dono da verdade, sobre o certo e errado, estou querendo mostrar que muitas vezes devido à falta de apoio ou incentivo por parte do Estado, acaba trazendo escrituras de estéticas não agradáveis aos olhos da população.

No final de maio de 2021, o Dequete e a Preta em Flor, que por sinal possuem o projeto “Jardim Urbano”, vieram me contar que foram à Prefeitura pedir os viadutos recém construídos para um projeto com os grafiteiros da cidade, com o intuito de trazer mais cores e vidas para a região e tirar o “cinza prefeitura” das paredes, tonalidade incrivelmente horrível, e a resposta foi não. A Prefeitura alega

que os viadutos são novos e não podem sair do padrão.

Agora uma reflexão rápida e não precisa ser um pensador formado para me responder isso: o que você acha que vai acontecer com os viadutos que não foram autorizados?

Só estamos em busca de espaço.

O graffiti faz parte do Hip-Hop, uma ferramenta que conscientiza, educa, humaniza, promove, diverte, instrui pessoas, reivindica direitos e respeito de todos, principalmente entre as relações sociais.

Chegamos onde o estado não chega, nas periferias da cidade.

Faço o que posso e continuo fazendo, seja no rap ou no graffiti para manter a cultura viva.

Um novo ciclo

Bom dia novamente, mais uma noite de pensamentos sobre como será essa nova fase.

Realmente agora é tudo ou nada,
CLT na gaveta ou ela assinada?
hoje não vou me prender a ideias erradas,
hoje não vou me perder tô com a mente focada,
Tô pra uma vida de cão ou uma vida de artista?
apanho mais que tambor,
machuco mais que skatista,
é fácil apontar o dedo pros ligeiro que nem pisca,
vários que julga esse corre
acham que eu estou de três listras.

Já estou com mais quatro muros para pintar semana que vem, todos convidados por amigos da rua e estou com mais 2 discos para soltar esse ano.

As letras me acompanham aonde quer que eu vá, acho que tem muitas coisas guardadas aqui dentro desde a época do basquete, agora é o momento de descarregar, navegar em diversos estilos de pintura e escrita.

Conclusão

Revolução para alguns é roubar bancos
eu to mais pra pintar muros,
Preocupação é ver que o muros estão brancos
significa que o povo é mudo,
Talvez esteja perdido longe do meu bando
talvez um pouco de tinta me traga pro mundo,
Me diga porque um artista de rua sofre tanto
com o desejo que sua pintura só colha bons frutos.
Posso trazer a paz,
posso trazer a guerra,
o coração que esquenta as ruas é o mesmo que gela,
Na quebrada é sorriso, só clima de festa,
mas na pista é arriscado,
Você tem um alvo na testa.

“Uma vida não pode valer mais do que uma parede”
(Cripta, Djan Ivson)

Não tem conclusão, não existe um término para o que é eterno.

Esse é o meu diário, meus registros, minha vida.

Deixo contribuições como um escritor de rua, para que possam entender um pouco do que vivemos, o ciclo sem fim do *graffiti*.

Todos nós sabemos desenhar, desde as paredes das cavernas aos rabiscos nas carteiras da escola, já eram meios de se comunicar, de ser notado, mostrar que está vivo, marcar o tempo em que se vive e deixar sua história no mundo.

Eu deixo a minha, e você?

Vai na calma

Nunca é tarde para o conhecimento, o rap me ensina todos os dias.

Amanhã estou indo pintar novamente, e se eu fosse registrar todas as aventuras vividas aqui nesta monografia, nunca teria fim.

My diary (https://www.youtube.com/watch?v=GY_p5_mzCUM)

Referências bibliográficas

- AUGUSTO, Tuani Guimarães de Ávila. *Graffiti: um estudo da consolidação da cena da pixação em Vitória*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2018. Acesso em 19/11/2020. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-17092018-135848/pt-br.php>
- BANKSY. *Wall and Piece*. 1. ed. United Kingdom: The Random House Group Limited , 2005.
- BORIS, Good Guy. *Grifters Code*. Ed. limited. Bulgaria, 2017.
- GOMES, Renan Lelis. *Território usado e movimento hip-hop: cada canto um rap, cada rap um canto*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, 2012. Acesso em 19/11/2020. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/286930>
- KUEIO (FIDELIS, Karen Christye). *Picos e Registros: breve histórico do graffiti em Uberlândia – MG*. Monografia para Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais. Uberlândia: Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, 2013.
- OLIVEIRA, Pedro Santana de. *Salve família 034!: a relação de familiaridade afetiva entre os pilares do Hip hop em Uberlândia – MG*. Monografia para Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em História da Arte. Rio de Janeiro: Centro de Letras e Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019. Acesso em 19/11/2020. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/11024/1/PSOliveira.pdf>
- SILVA, Adriano Bueno da. *Luta de classe e tensão racial na palavra dos manos: uma análise sócio-histórica da formação do rap como gênero do discurso*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2010. Acesso em 19/11/2020. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000785413&opt=1>
- VENTURA, Tereza. *Hip-hop e graffiti: uma abordagem comparativa entre o Rio de Janeiro e São Paulo*. *Revista Análise Social*, n. 192. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, set. 2009, p.605-634. Acesso em 19/11/2020. Disponível em:

Glossário

- **Beat:** No rap é a batida, que traz ritmo e velocidade às palavras.
- **Caps:** Bico por onde sai a tinta com diversas espessuras de traço.
- **Cola:** “Chega mais”.
- **Corre:** Quando está realizando alguma atividade.
- **Escritores:** Indivíduos que usam a tipografia de rua para deixar sua marca, usando técnicas e letras de graffiti ou pixação.
- **Freestyle:** Estilo livre no ato em que for realizar.
- **Grafito:** Quem faz graffiti.
- **Pixação:** Pixação é o ato de marcar território com um pseudônimo ou nome de gangue de pixadores, feito normalmente com uma cor só, em linhas finas e ortografia padrão.
- **Point:** Local onde se reúnem todos escritores da cidade.
- **Punch line:** “Linha de soco”, no *rap* se refere a uma frase de efeito que concluiu o raciocínio, geralmente são as últimas linhas dos versos.
- **Quebrada:** Área periférica.
- **Rolê:** Passeio destinado à pintura com ou sem autorização.

- **Salve:** Cumprimento, homenagem à pessoa ou demonstração de afeição e/ou respeito.
- **Trampo:** Pintura/obra. O graffiti propriamente dito.